

A Contas com a Democracia

José Albuquerque Tavares*

Já trinta anos passaram sobre a nossa ainda nova democracia. E ainda é possível ouvir pais da pátria a declamarem beatitudes sobre corrupção, pressões e “a elevada qualidade dos primeiros líderes” - eles próprios. A democracia é um mecanismo que garante que nunca seremos governados melhor do que o merecermos, George Bernard Shaw *dixit*. As ameaças à nossa democracia virão menos de pressões sobre jornalistas – que as há – do que da apatia de jornalistas e eleitores. A morte da democracia não virá de um assassinato por emboscada mas pode vir de uma lenta extinção coroada pela indiferença e a apatia. E nessa descida os actores principais podem ser a aversão à aritmética e o pavor à divisão simples.

Ilustremos. Há mais de uma década um primeiro ministro conhecido pela parcimónia construiu um grande centro cultural que garantiu não custar muito pois correspondia “apenas a 5 por cento das despesas do Estado”. Um jornalista atento à falsa sobriedade das percentagens foi capaz de o interpelar de imediato: “Mas 5 por cento é muitíssimo.” Desde então as coisas mudaram. É hoje politicamente correcto aceitar o primado da “visão” e do “carisma” na política mas o que a democracia portuguesa precisa é de ouvir menos os actores e passar a fazer contas. Não contas exactas, certinhas, de Comissão de Economia e Finanças ou Tribunal de Contas. Contas mais ou menos, contas por alto, de “merceeiro”. Se passarmos a fazer essas contas podemos mudar muita coisa.

Ilustremos. Há dois anos uma desastrosa manobra dos nossos vizinhos espanhóis derramou petróleo a noroeste da nossa costa. O fuel chegou à costa deles e o nosso também então ministro da defesa contratou dois barcos de limpeza para sugarem o petróleo antes de chegar à nossa costa. Ao fim de uns meses tinha-se gasto cerca de 2 milhões de euros e sugado 8000 litros de petróleo. Os jornalistas relataram estes dois factos e ficaram-se. Não deram o último passo, não fizeram a divisão. Se dividirmos os euros pelos litros dá cerca de 250 euros por litro. É caro. Para quem frequenta piscinas olímpicas 8000 litros são meia piscina de petróleo. É caro. Se acrescentarmos, como alguns jornalistas ainda o fizeram, distraídos, que o contrato do estado português previa que, em caso de mau tempo, os barcos não saíam e eram pagos o mesmo, que quem decidia se o tempo era mau eram os donos

do barco, percebemos porque os barcos saíram poucas vezes e não chegaram à piscina de petróleo. Os contornos de um escândalo. Os jornalistas ficaram com dois pobres factos em vez de um verdadeiro escândalo, por medo de fazerem uma divisão. Uma perda para a democracia.

Um segundo exemplo, mais perto de nós. No caso das notórias SCUTS – auto-estradas sem custo para o utilizador - fala-se de 900 quilómetros de auto-estrada construídos ao abrigo destes contratos e uma despesa anual para o Estado que poderia ascender a cerca de 700 milhões por ano durante os próximos quinze anos. Com pouca pesquisa se descobre que o custo de construção por quilómetro de auto-estrada aproxima-se de 1 milhão de euros. Em dois anos de pagamentos do Estado aos construtores ofereciam um retorno do investimento um pouco acima de escandaloso. E ainda faltariam treze anos de pagamentos! A coisa saiu cara. Quem assinou o contrato disse que queria auto-estradas para o interior mas andou distraído com o nosso dinheiro. Façam-se as comparações. Se o dinheiro a pagar aos operadores das SCUTS fosse empregue a construir estádios para Euros de futebol poderíamos construir 150 estádios até 2020! É muito futebol para chegar à Covilhã e a Castelo Branco! Faça-se a comparação com os submarinos, que também não foram baratos. Ao preço das SCUTS poderíamos construir uma frota de 30 submarinos, 2 por ano. É muito submarino. Se os construíssemos chegaríamos à Covilhã de joelhos. Iríamos na direcção errada.

Mas as comparações e as divisões “por alto” também servem as forças do bem. Também sossegam e abrem possibilidades. Um exemplo? A campanha realizada em Lisboa para sensibilizar a comunidade chinesa imigrada para o vírus da Sida. Meritória por certo mas promoveu-se na base da ideia de que “na China pode haver até um milhão de infectados!” Temor e pavor? Injustificado. 1 milhão de infectados para 1000 milhões de chineses compara-se muito favoravelmente com cerca de 50 mil infectados para 10 milhões de portugueses –estimativa considerada até “conservadora”. 1 infectado para cada 200 pessoas em Portugal para 1 para cada 1000 na China. Talvez seja de traduzir novamente os folhetos de chinês para português e distribuí-los aos autóctones.

Em nota mais positiva, será que os problemas de segurança nas escolas não se resolviam com a contratação de 6 seguranças profissionais e três turnos diários? A 2000 alunos por escola e a 1000 euros por segurança o custo aproxima-se da bonita quantia de 3 euros por família e por mês! Porque não se faz? Camadas de burocracia e o pavor das divisões simples interpõem-se entre a carteira dos pais e a segurança dos filhos.

Para uma democracia madura mas progressivamente apática como a nossa não chega o folclore de ouvir elites antigas a vituperar contra o sistema que construíram. Afinal, como dizia um estudante chinês em Tian An Men, “não sei exactamente o que é a democracia mas precisamos de mais.” Não há democracia sem custos para o utilizador. Os jornalistas, os leitores e os eleitores precisam de fazer continhas para a defender. Da próxima vez que observaram um cidadão anónimo a interromper o almoço para fazer umas contas na parte de trás de um envelope, não o desprezem por favor. Ele pode estar a salvar a democracia.

* professor na Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa. jtavares@fe.unl.pt